

## **Saúde Mental e Arte em Jataí: *construindo diálogos, edificando práticas.***

**COSTA**, Jônatas Leal<sup>1</sup>; **Cardoso**, Fernando Freitas<sup>2</sup>; **MARTINS**, Eduarda Jacomini<sup>3</sup>; **GONÇALVES**, Lorrany de Oliveira<sup>4</sup>; **FARIA**, Jaqueline Sanchez<sup>5</sup>; **BRAZ**, Wilza Assunção<sup>6</sup>.

**Palavras-Chave:** Saúde Mental, Saúde Pública, Oficinas Terapêuticas, Arte.

Em Foucault temos o conceito de loucura como sendo imbuído de uma carga de valores sociais, políticos, econômicos e, sobretudo subjetivos que variam em relação ao período histórico e cultural. Atravessado por diferentes significantes, este fenômeno acontece de forma microfísica nos pequenos grupos e instituições. Portanto não se trata de uma essência inerente ao ser-no-mundo do homem, mas de um constructo sócio histórico que diz respeito a um indivíduo que se comporta fora da norma instituída.

A loucura, enquanto fenômeno que subjuga o ser a um estado de anormalidade, ou seja, daquele que não se enquadra em um padrão, desfragmenta o indivíduo e o regrida a um estado animal. Dessa forma o que o caracteriza é um estado de desrazão impossibilitando a sua atuação como um indivíduo ativo economicamente, e mais, tornando-o improdutivo e marginalizado pelo sistema capitalista. As práticas manicomiais se constituíram ao longo da história ancoradas em um discurso de segregação e aprisionamento por impotência social e econômica.

As propostas de transformação feitas pela reforma psiquiátrica contemplaram formas de tratamento que privilegiam a inserção social e econômica do portador de transtorno mental. Em outras palavras, os avanços tinham como norte a possibilidade de promover ao sujeito a construção de uma identidade de si e do outro, a desconstrução da noção pejorativa do

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – jonataslealdacosta@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – ffreitas19@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – eduardajacomini@msn.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – lorranypsicologia@hotmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – jaqueline\_sanchez03@hotmail.com

<sup>6</sup> Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí – wilzaab@yahoo.com

louco, a reflexão sobre práticas e estratégias de enfrentamento e as políticas públicas feitas para esta área da saúde dentre outras ações.

Dessa forma, foram criados os chamados *serviços substitutivos*, pois estes teriam a tarefa de substituir os manicômios, proporcionando uma atenção que abarque o tratamento em suas dimensões psíquica e social: são os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Uma modalidade tratamento dia onde a perspectiva da inclusão social e o engajamento familiar são garantidos e estimulados, se contrapondo à exclusão desumanizante e anuladora da subjetividade; realidade concretizada dentro dos muros dos hospícios. Além disso, a proposta dos serviços substitutivos é a de que o tratamento deixe de ser centrado no medicamento, mas que outras formas terapêuticas possam contribuir para o processo de cuidado e de edificação da autonomia e da subjetividade. Assim, as oficinas terapêuticas ganharam força de expressão nesse contexto como possibilitadoras de promoção social e organização psíquica, na medida em que utiliza a arte como forma de expressão.

Este trabalho se refere a uma intervenção enquanto proposta de oficinas terapêuticas, utilizando a arte, realizadas por estudantes do quinto período do curso de psicologia do campus Jataí da Universidade Federal de Goiás, com usuários do CAPS desta cidade.

### **Justificativa/Base teórica**

A importância deste projeto se dá pelo seu caráter educativo tendo em vista a participação direta dos alunos em situações práticas de intervenção. Social, uma vez que é prestado um serviço de atenção psicossocial às pessoas com sofrimento mental, suas famílias e comunidade em geral. Ao falarmos em saúde mental, estamos nos referindo a um campo muito mais abrangente que não se limita apenas a casos de psicopatologias. O campo da saúde mental envolve direitos humanos, políticas de saúde pública, posicionamentos ideológicos e aspectos da cultura. Dessa forma, ao se tratar do tema, somos movidos a pensar em suas abrangências múltiplas: nos domínios da história, psicologia, antropologia da medicina e da arte. Este projeto tem como iniciativa a integração desses domínios, pensando como núcleos centrais a formação acadêmica (crítica e articulada) e uma intervenção prática que não abra mão de ser também crítica, constitutiva de

novos saberes e sentidos. Ao adentrarmos os caminhos da arte, entendemos que a loucura não se prescreve como domínio de nenhum saber específico.

A intervenção da psicologia no terreno da loucura se deu muito recentemente, no entanto, com o advento da reforma psiquiátrica, abriu-se um campo amplo para a atuação deste profissional que agora disputa com a psiquiatria um espaço como detentora de um saber sobre a loucura, e como conseqüência, traz para o seu domínio a doença mental enquanto objeto de compreensão e de intervenção que não deixa de ser também proponente de uma norma. Apesar disto, o que se sustenta no discurso da psicologia enquanto práxis, é o de que a mesma possa primar pela busca da autonomia do sujeito, pela compreensão e reafirmação de um modo de funcionamento transferencial do individuo com o mundo (outro), sem uma busca pelo “restabelecimento da razão”. Propõe cuidado mais que cura, e nesse sentido o retorno à arte como elemento mediador entre o eu e o outro, entre o real *do* eu e o real *sobre* o eu.

Segundo Rivera (2005) a arte é uma forma de sublimação e citando Breton ela afirma que "via nascer a poesia, capaz de mudar e transformar a realidade, ao reconcilia-la com o sonho em uma realidade absoluta, de surrealidade, como ele declara em seu manifesto. Isto faz eco a afirmação freudiana de que a arte forma um reino intermediário entre a realidade que faz barreira ao desejo e o mundo imaginário que o realiza, como encontramos, por exemplo, em ‘o interesse da psicanálise’, texto de 1913”. *P. 13*

O uso da arte não tem o intuito de trazer um domínio estético da mesma, mas como recurso terapêutico em um modelo de oficina. E entendemos oficina como ponte de acesso às demandas emocionais; como instrumento de reconstrução do self e como objeto substitutivo à medida que ela causa no individuo uma sensação de produtividade; *ser criador e criador do ser.*

Frayze (2006) entende as oficinas como catalisadores da produção psíquica dos sujeitos envolvidos. Mas Cedraz (2005) adverte que “as oficinas serão terapêuticas ou funcionarão como vetores de existencialização, caso consigam estabelecer outras e melhores conexões que as habitualmente existentes entre produção desejante e produção da vida material” (p.325). A

autora salienta que as oficinas precisam estabelecer relações com o que ela chama de “plano de imanência”, no qual se geram a arte, a política e o amor.

### **Objetivos**

Essas intervenções têm por objetivos: proporcionar aos alunos um conhecimento sobre os dispositivos da rede de atenção à saúde mental, que compreendem as especificidades da realidade de Jataí, bem como que os mesmos possam oferecer um serviço de atendimento/escuta/intervenção que promovam práticas assertivas e socialmente transformadoras.

Objetiva ainda fomentar discussões sobre os avanços da reforma psiquiátrica em suas várias dimensões: política, ideológica e social, no que diz respeito ao exercício proponente de reinserção, ressocialização, cidadania e autonomia.

### **Metodologia**

As oficinas contam sempre com elementos de conhecimentos artístico, psicológico e político/ideológico em suas bases de direcionamento. Como forma de apropriação, são realizados encontros semanais para supervisão, bem como um grupo de estudo sobre arte, loucura e oficinas terapêuticas. As oficinas estão sendo realizadas no CAPS da rede municipal da cidade de Jataí, Goiás.

O grupo de oficina é composto por cinco alunos graduando do curso de psicologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí, e oferece o serviço na unidade CAPS uma vez por semana, onde em cada sessão a proposta da oficina é tematizada por uma demanda do grupo suscitada na reunião anterior.

Os grupos são abertos e as temáticas são de desenvolvimento breve, ou seja, qualquer um poder participar sem o compromisso de estar sempre ou durante toda a oficina. São utilizados livros, jogos teatrais, objetos que estimulam os sentidos, tais como: óculos, pelúcia, brinquedos, música e perfumes. Utilizamos ainda documentários, fotografias e materiais como cartolinas, giz de cera, folha A4, lápis coloridos e tintas.

### **Resultados/ discussão**

Este é um projeto ainda em desenvolvimento. Os resultados obtidos até o momento conduzem para uma análise acerca da qualidade do espaço/escuta e do espaço/criação promovido nos encontros. A participação

dos usuários tem sido efetiva e demonstradora de bom vínculo entre o grupo de alunos e os pacientes. A autonomia é preservada na medida em que os usuários ficam livres para participar dos encontros e para construir coletivamente maneiras de atender às demandas do grupo. Nesse sentido os resultados observados tem sido satisfatórios, pois os integrantes participam de modo espontâneo e motivados.

### **Conclusões**

Este projeto de intervenção tem promovido uma experiência prática aos alunos do curso de psicologia, proporcionando que os mesmos vivenciem as questões institucionais ligadas à área de saúde mental em Jataí. Percebe-se que a utilização da arte em oficinas terapêuticas promove a possibilidade de construção de identidades sociais e engajamento nas formas de produção de autonomia pelo sujeito dito “louco”. O CAPS de Jataí é um dispositivo que funciona com várias oficinas como de tapetes e de bordado. A proposição de uma oficina de livre criação tem possibilitado uma forma diferenciada que vem ao encontro de perspectivas críticas quanto ao modo de fazer dessa prática dentro de instituições como essa. Instituições que se pretendem antimanicomiais, mas que, no entanto, nas formas de relacionamento, promovem dependência, estigmas e verticalidade. As oficinas de arte têm se proposto a pensar esse fazer, bem como promover um fazer singular.

### **Referências bibliográficas:**

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTAIN, Magda. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?. **Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, n. 2, v. V, p. 300-327. Setembro 2005.

COSTA, Adriana Cajado. *Psicanálise e saúde mental: a análise do sujeito psicótico na instituição psiquiátrica*. São Luis/MA: EDUFMA, 2009.

FOUCAULT, Michel. (1972). *História da loucura*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva.

FRAYZE-PEREIRA, João. (2006) *O que é loucura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. *Arte, clínica e loucura: um território em mutação. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, jul.-set. 2007.

RIVERA, Tania. *Arte e psicanálise*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Passo a passo v 13.